

Futebol e Poder: um Estudo da Relação entre a Elite e os Trabalhadores do Esporte nas Décadas de 20 e 30

André Alexandre Guimarães Couto

Ao analisar a pesquisa sobre futebol, percebi que o mesmo, apesar de assumir uma importância vital para a cultura e a sociedade brasileira, é incompatível com a produção acadêmica em nosso país. Tal se explica por se considerar o tema futebol, até a algumas décadas atrás, como um assunto com pouca significação em comparação às “reais preocupações” do povo ou da nação. Esta interpretação da alienação das massas ignora a relevância da história cultural e de quanto esta está intrincada com outros valores da sociedade e na construção de uma identidade local, regional e nacional.

Ao me aventurar neste campo, que tem sido explorado mais por jornalistas e comentaristas esportivos do que historiadores e cientistas sociais, percebi um intrincado jogo de interesses calcado nas relações entre os protagonistas deste esporte, ou seja, os atletas, técnicos, dirigentes e a imprensa.

Privilegiei o estudo nas décadas de 20 e 30 no Rio de Janeiro, por uma série de peculiaridades próprias como, por exemplo, o início do profissionalismo no mundo do esporte, a criação de novas ligas de times de futebol, a freqüente disputa entre os chamados “cartolas”, aqueles cujas funções seriam coordenar e dirigir as práticas desportivas e, não menos importante, o impacto que as relações étnicas teriam no mundo da bola.ⁱ

Sobre estes dirigentes, cabe lembrar que, se a intenção desta pesquisa é revelar novos dados sobre as relações sociais e políticas entre elite e trabalhadores, especificamente do mundo futebolístico, devemos aprofundar as nossas atenções para os mesmos.ⁱⁱ Ainda que na década de 20 não exista o futebol profissional, chamo de trabalhadores do esporte todos que mantem uma relação de identidade funcional com o clube, ou seja, jogadores, comissão

técnica, etc. Identificamos no que chamamos de elite do esporte, dirigentes de clubes e associações desportivas e que lutam por dois interesses principais: manter-se em exposição na mídia e exercer uma espécie de “micropoder”, administrando agremiações e clubes – “tudo em nome na nobreza da prática do esporte”.ⁱⁱⁱ

Para investigarmos este tema, acho que é necessário responder algumas questões como, por exemplo, quem são estes dirigentes, suas origens sociais e familiares, que lugares e associações freqüentam, que funções profissionais exercem no dia-a-dia e sua atuação no exercício das práticas políticas. Ou seja, os “cartolas” fazem parte ou têm relação com a classe política no estado do Rio de Janeiro? Se acreditamos que o futebol, assim como outros esportes, durante toda a década de 20 é uma prática da elite, podemos aferir a possibilidade desta hipótese.

Cabe, nesta pesquisa, discutir as formas de organização dos jogos, dos campeonatos, das próprias ligas e federações e da articulação destas com entidades desportivas de outros estados, principalmente de São Paulo, onde o futebol também penetrou com muita relevância.

Outra informação importante sobre o tema é o olhar da imprensa carioca e fluminense sobre as questões discutidas sobre a organização do esporte, sobre a questão amadorismo x profissionalismo, vida pessoal e cotidiana dos jogadores, etc. Ainda neste caminho, não poderíamos nos esquecer, principalmente diante de acontecimentos atuais, da questão da discriminação racial no mundo do esporte, que na verdade era o próprio reflexo da sociedade brasileira no início do século XX^{iv}. É interessante, todavia, perceber como este racismo adquire uma postura peculiar no universo esportivo, transformando inclusive, para alguns autores e imprensa, jogadores negros em heróis míticos e redentores.^v

Como a pesquisa ainda está em andamento, pretendo seguir uma metodologia inicial, descobrindo uma bibliografia mínima sobre futebol e sociedade no período das décadas de 20 e 30. Ainda que não haja uma literatura extensa sobre o esporte neste período, é fundamental conhecer a sociedade carioca e fluminense, seus hábitos, relações sociais, práticas políticas,

características econômicas, etc. Posteriormente, estarei dispendo de dois outros caminhos: a procura por arquivos de jornais da época sobre o tema e o arquivo de documentação e dados na FERJ – Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro e nos próprios clubes.

Notas

ⁱ A discussão sobre o impacto do racismo no futebol, nas primeiras décadas do século XX, vem causando uma boa polêmica. Antonio Jorge Soares acredita que as barreiras criadas à prática deste esporte eram mais sociais do que raciais. Já outros autores, como, por exemplo, Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr. rebatem esta tese, valorizando as práticas racistas existentes no cotidiano do clube de futebol e da própria sociedade. Ambas as opiniões podem ser encontradas em HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. A Invenção do País Futebol: Mídia, Raça e Idolatria. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

ⁱⁱ Discuti esta questão na mesa-redonda “Futebol Carioca – A Gênese da Cartolagem” realizada na Semana de Extensão 2002 “Tecnologia e Cidadania: Inovações e Desafios Sociais”, sediada no CEFET/RJ e que deu origem ao artigo “As Ligas de Futebol e as Estratégias dos Cartolas: Um Capítulo da História do Futebol Carioca”, publicado na Síntese dos Trabalhos e das Atividades deste evento.

ⁱⁱⁱ Cabe lembrar que na década de 20 o profissionalismo ou semiprofissionalismo era negado em nome da nobreza do esporte amador, sem interesses lucrativos. Apenas em 1933, o futebol se torna profissional no eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

^{iv} Nos últimos meses tem se registrado várias manifestações racistas de torcida e jogadores, principalmente na Europa.

^v Refiro-me principalmente a obra de Mário Filho, O Negro no Futebol Brasileiro, cuja primeira edição foi publicada em 1947 e a segunda, acrescida de dois novos capítulos, em 1964. Esta obra é uma fonte histórica extremamente relevante para o estudo do futebol no Brasil e foi relançada recentemente (2003) pela FAPERJ e Editora Mauad.